

A vilegiatura marítima: Sociabilidades na praia do Cassino na década de 1950

REBECCA GUIMARÃES ENKE*

Na segunda metade do século XIX, o desenvolvimento urbano, comercial e industrial do mundo Ocidental, impulsionou a ascensão de novas relações sociais, configurando nas cidades e em seu entorno “o lugar onde as coisas acontecem”, e trouxe “a cena novos atores sociais, portadores de novas práticas e ideias” (PESAVENTO, 1996: 08-09), ou seja, promoveu mudanças no estilo de vida da sociedade.

No Brasil, como se sabe, o processo de modernização econômica, política e social foi deflagrado nas últimas décadas do século XIX pela “expansão cafeeira, abolição da escravatura, imigração e proclamação da República, coincidindo, não por acaso, com o fenômeno de urbanização e intenso crescimento da cidade”(CASTRO, 2004: 24).

Segundo Sandra Pesavento, a vivência da modernidade implica a construção de um imaginário social, correspondendo a representações coletivas da sociedade global, que comporta os desejos, sonhos e utopias de uma época (PESAVENTO, 1996: 10).

A modernidade não implicou em uma padronização no estilo de vida, tanto nos seus aspectos materiais quanto nas escalas de valores, mas em uma veiculação de um modo de vida calcado em referenciais culturais.

O modelo de comportamento europeu serviu de modelo para novos padrões estéticos no jeito de viver dos brasileiros, introduzindo uma nova sociabilidade cidadina e as formas de usar o espaço, e porque é nas cidades que surgem as maneiras habituais pelas quais o povo vive a sua vida (ROCHE, 2004: 309).

Apesar dos inúmeros desafios e transformações, o século XIX brasileiro foi um período de consolidação para o novo país (NEEDELL, 1993: 41). A rapidez com que as novidades do mercado europeu chegavam ao Brasil impressionavam. Eram trazidas por imigrantes, viajantes, estudantes ou até mesmo turistas. A elite brasileira queria vestir-se, caminhar, praticar o footing, comer à moda francesa. A modernização dos costumes acompanhou a do espaço urbano. A emergência do ser moderno generalizou-se e passou à esfera do domínio da vida cotidiana. A idéia de moderno estava relacionada a estilos de vida, comportamentos e hábitos.

* Mestre em História/UNISINOS e Doutoranda em História Social/USP.

Nesta época “aumentou a circulação de profissionais liberais, pequenos empresários, empregados do comércio, burocratas e estudantes, pessoas com maior acesso ao pensamento e aos exemplos europeus” (PESAVENTO, 1996: 20) .

Os desdobramentos da Revolução Industrial vão-se refletir na “maneira como as pessoas vão organizar suas vidas, pela imposição de uma nova distribuição do tempo social, isto é, criou necessidades na área do lazer e da sociabilidade, principalmente para as camadas elitizadas da sociedade” (RAMOS, 1998: 30).

O fato é que houve um amplo projeto das elites nacionais para transformar o Brasil num país civilizado, à imagem da Europa, e assim inseri-lo no concerto das nações modernas do Ocidente. Para a burguesia nacional, como bem disse Brito Broca, “o chique era ignorar o Brasil e delirar por Paris (BROCA, 1975: 92).

Conforme Nicolau Sevcenko, as mudanças ocorridas na sociedade brasileira, assentavam-se na

condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória a sociedade tradicional, a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante, uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas, e um cosmopolitismo agressivo, profundamente identificado com a vida parisiense. (SEVCENKO, 1983: 30)

Eloísa Ramos em sua tese irá nos falar do ‘lazer’ mostrando que a chegada dos lazeres mostra não um quadro nacional, mas um quadro ocidental, onde as camadas sociais usam em escala cada vez mais alargada o tempo livre em atividades as mais variadas. O lazer é, portanto, a invenção dos usos do tempo disponível. Mas é no desdobramento da vida política e econômica que o lazer e a sociabilidade se apresentam. “Eles são formas de representação das elites, funcionam como seu cartão de visitas e, embora possam ter nuances locais, estão inscritos nos padrões ocidentais de representação dessa camada social” (RAMOS, 1998: 30-31).

O Brasil a partir do final do século XIX foi estimulado, pelos modismos europeus a cuidar do corpo, recorrendo a prática de jogos recreativos e também a esportes ao ar livre, a população passou a “educar o corpo e disciplinar hábitos”, pois estes “significavam integrar o país no perfil do mundo moderno e civilizado” (ARAÚJO, 1993: 312).

Rosa Maria Araújo nos revela que a incorporação de valores esportivos vem associada à delimitação de fronteiras de classe. A prática da equitação, esgrima, natação, por exemplo, funciona como sinal de um padrão de vida burguês. Araújo diz que “a atração se dá por motivos de bem estar físico, busca de bons ares e vantagens terapêuticas do banho de mar” (ARAÚJO, 1993: 321).

Pode-se bem imaginar o destaque simbólico que o mar, alcançava num imaginário higienista e civilizador, neste tempo de higienizar corpos, vestuário, alimentação, casas, ruas, população, raça.

Neste ínterim, a vilegiatura marítima expandiu-se pelo mundo Ocidental no século XIX, um exemplo são as estâncias francesas do litoral, que se desenvolveram no tempo da Restauração – primeiro Boulogne e Dieppe, a seguir Les Sables-d’Olonne e Biarritz. Segundo André Rauch, gozar o mar, neutralizar o temor que ele inspira pressupõe estar-se refugiado do furor dos elementos sem se estar privado do espetáculo, donde os dispositivos que erigem os estabelecimentos de banhos sobre um molhe a dominar o mar envaidecido (RAUCH, 2001: 95).

Com o tempo a família irá conquistar seu espaço nessa moderna forma de lazer. Rosa Maria diz que as famílias introduzem o programa de ir à praia nas suas rotinas (ARAÚJO, 1993: 321). O banho de mar vai promover uma maior socialização entre os indivíduos.

Para Dario Luiz Dias Paixão tem-se o início das viagens organizadas, ou seja, do turismo moderno, realizado em sua maioria por uma classe burguesa recém formada, com tempo e dinheiro para viagens em trens e navios a vapor, geralmente em busca de saúde e novos entretenimentos (PAIXÃO, acessado em 02/12/2010).

O sucesso em torno dos banhos de mar frios fez com que fosse publicado na cidade de Rio Grande, um Guia dos Banhistas, baseado em obra do português Ramalho Ortigão, “As praias de Portugal”, onde constatamos informações referentes a terapia dos banhos de mar. Ele aconselhava para quais pessoas os banhos na Costa da Manguieira - Balneário Cassino - eram indicados: “às pessoas que possuem constituição linfática, às crianças, o sexo feminino, todos os estados patológicos que se ligam ao enfraquecimento geral do organismo, à insuficiência do sangue e à repressão do sistema nervoso” (ORTIGÃO, 1890: 08).

Ademais, o final do século XIX, na província do Rio Grande do Sul, famílias abastadas, industriais, comerciantes, estancieiros, recorreram ao mar para tratamentos terapêuticos e com o tempo novas formas de lazer passaram a fazer parte do cotidiano da vilegiatura marítima.

O processo de industrialização de Rio Grande colocou-a em lugar de destaque entre as cidades do sul do país. Com a modernização de algumas indústrias e a instalação de outras, a cidade passou a ser associada ao progresso, exigindo uma melhoria em sua organização urbana para suportar o aumento da população e das indústrias que chegavam.

É nesse período, que a elite rio-grandina vai, aos poucos, adotar as modas européias, adquirindo roupas e acessórios vindos principalmente de Paris. Após a inauguração da linha férrea Rio Grande-Bagé, os proprietários da Companhia Carris Urbanos do Rio Grande, no ano de 1885, notaram que a prática do turismo estava expandindo-se na cidade com a implantação da ferrovia, e resolveram aproveitar a geografia do local, com sua extensa costa de mar, estendendo a linha até o oceano, com a construção de uma estação de banhos, em tudo igual aos balneários europeus, como Dieppe, Biarritz, entre outros, e os sul-americanos como os de Pocitos e Ramirez, no Uruguai.

Após cinco anos de investimentos na implantação da estação balnear, a primeira temporada de funcionamento do balneário Villa Siqueira foi inaugurada no dia 26 de janeiro de 1890. A elite sul-rio-grandense encontrou na Villa Sequeira, instalada a pouco mais de 24 quilômetros de distância da cidade de Rio Grande um eco das já festejadas estações balneares da Europa, como Dieppe, Bath, Cote d'Azur entre outros, onde se encenava, na época de verão, todo o ritual burguês do Ocidente e seu nascente individualismo, com suas 'cocottes' parisienses, seus elegantes de smoking, suas "artes do luxo", bem como a crença aferrada no progresso, na ciência, na medicina, na modernidade, na civilização.

Na Villa Sequeira, hoje conhecido como balneário ou praia do Cassino, foi, por sucessivas décadas, uma espécie de salão ao ar livre destinado ao deleite da elite local e de outras partes do Brasil e países vizinhos.

Ao longo das primeiras décadas do século XX, no balneário Cassino ocorreriam diversas mudanças administrativas, dessa forma, seu crescimento urbanístico deu-se com a instalação de novos loteamentos e um significativo aumento de frequentadores durante os períodos de veraneio, correspondente aos meses de dezembro a abril, em sua maioria.

Neste período, os jogos, as atividades esportivas e os eventos sociais de diferente natureza foram os principais motivos geradores de espaços de sociabilidade entre o final da primeira década do século XX e o ocaso dos anos 40 na praia do Cassino.

Ao longo dos anos 50, essas atividades repetiam-se, com maior ou menor ênfase em função da intensidade gerada pelo veraneio, ou seja, pelo maior ou menor afluxo de visitantes.

O hotel mais antigo do balneário foi fundado em 1890, denominado de “Casino”, no momento constituía-se no principal ponto de referência da estação balnear, o *ponto chic*, onde circulavam as novidades e os hábitos transplantados da Europa. O hotel passou a ser denominado de Atlântico quando, em 1919, o Coronel Augusto Cezar de Leivas, administrador da estação balnear desde 1909, vendeu esta propriedade para a Sociedade Anônima Companhia Balnear Atlântica.

Os eventos ocorridos no hotel Atlântico eram muito concorridos pela elite local desde sua inauguração em 1890, sendo que na década de 1950, o hotel passou a promover diversas atrações para o público em geral, frequentados tanto pela alta sociedade quanto pelos menos abastados.

Um exemplo de evento promovido pelo hotel Atlântico que marcou o verão de 1951 foi a realização de um grande baile burlesco, considerado uma *avant premiere* do “reinado de Momo” (JORNAL DIÁRIO DO RIO GRANDE, janeiro de 1951). A festa reuniu a elite local, encontro embalado por marchinhas carnavalescas e sambas executados por *Nunes e Seus Rapazes*, um dos grupos musicais mais requisitados à época. Uma festa como esta era, normalmente, muito concorrida. Havia disputa pelos ingressos e reserva de mesas. Os horários dos trens que ligavam Rio Grande ao Balneário passavam a ser regulados pelo início e pelo término do baile, a fim de que os que não possuíam residência no Cassino ou que não estavam hospedados no hotel pudessem retornar a cidade.

A grande novidade criada no hotel Atlântico, em 1952, enquanto um novo espaço de sociabilidade foi o “Salão de Leitura”, lugar destinado ao cultivo daquele hábito, articulado ou não com outras atividades, como foi a exposição do pintor José de Francesco que teve lugar em 14 de fevereiro de 1952. E em função de um acordo entre o Centro Esportivo Balnear Atlântico e a Sociedade Amigos do Cassino, as atividades esportivas foram ampliadas com a construção de novas quadras, para a prática do tênis, vôlei e do basquete, lugares estes que passaram a ser freqüentados pelos hóspedes do Hotel e por aqueles que veraneavam no seu entorno.

O forte das atividades sociais, culturais e esportivas ocorria basicamente no período de veraneio. Neste interim, a programação das atividades também incluía sessões de cinema, reuniões dançantes, bailes infantis, além de eventos promovidos por empresas, sendo a Refinaria de Petróleo Ipiranga a mais assídua neste tipo de empreendimento, organizando almoços, jantares e homenagens. Os concursos de beleza e os desfiles de moda também motivaram a emergência de espaços, no salão de festas do hotel, para encontros, reuniões e confraternizações.

Uma das atividades clássicas e que mais ficou registrada na memória daqueles que freqüentavam o Hotel Atlântico, foram as festas promovidas pela *Boite Chez Nous* que funcionava no seu interior. Podemos dizer que se constituía no espaço de sociabilidade mais moderno, freqüentado principalmente por jovens, que com suas práticas e atitudes passavam ao largo das convenções da época, e segundo os comentários de um jornal do período, a “*Boite* era conhecida por suas esquisitices” (JORNAL DIÁRIO DO RIO GRANDE, janeiro de 1952).

No ano de 1957, várias entidades, empresas, casas comerciais e o poder público buscavam estimular a atividade turística no Balneário através da organização de uma Semana de Turismo no Cassino, levada a efeito entre 10 e 17 de fevereiro. A inserção do Hotel Atlântico nessas atividades esteve ligada, particularmente, com a promoção de várias reuniões dançantes na *Boite Chez Nous*, assim como exposições das principais indústrias têxteis do município, com participação efetiva da Companhia União Fabril, além de exposições de pinturas e gravuras modernas que ocorreram no *hall* do estabelecimento.

Foi nesse mesmo período que, anexa a estrutura do hotel, é construído o Condomínio Atlântico, formado por 105 pequenos apartamentos. Este fato provocou o aumento da movimentação em torno do hotel.

A partir de uma crônica social publicada pelo Jornal Rio Grande, assinada por Zicil, podemos mapear algumas das atividades sociais promovidas pelo Hotel Atlântico em 1958 e, conseqüentemente, identificar os espaços de sociabilidade gerados. O tema principal destas crônicas referia-se aos eventos sociais promovidos na cidade, narrando os acontecimentos levados a efeito na praia, em seu principal estabelecimento hoteleiro, na Sociedade Amigos do Cassino (SAC) e em eventos realizados na Avenida principal do balneário, entre outros.

A cronista Zicil narrava as festas, os bailes, passeios pela Avenida, os flertes e os namoros, usando a linguagem própria do período, o que incluía gírias específicas àqueles tipos característicos de eventos sociais, tais como: *melindrosa, faceira, casal 20, taradinho, cabo informador, A Turma Chic, amizade americana, Papai Pernilongo e sua Protegida, Cassino-Beach, casal mais, veranista mais, etc* (JORNAL DIÁRIO DO RIO GRANDE, janeiro e fevereiro de 1958).

As atividades promovidas pelo hotel ganhavam destaque na crônica, que fazia a publicidade em torno dos bailes e festas, divulgando-os, para depois descrevê-los, dando destaque para o comportamento e os trajes usados pelos freqüentadores daquele estabelecimento.

Ao longo da década de 1950, observamos que a estação balneária estava passando, na verdade, por algumas dificuldades, pois vinha sendo lembrada e freqüentada nos períodos de veraneio, em função da prática dos banhos de mar, ficando praticamente abandonada durante as outras estações do ano.

Segundo editoriais e artigos do Jornal Rio Grande, periódico que manuseamos sistematicamente no intervalo dos anos 50, o Cassino foi perdendo a sua condição de balneário da elite da metade sul do Estado gaúcho e de algumas regiões platinas, pelos problemas que surgiram, como a não preservação de ruas, dificuldades na rede elétrica e falta de água encanada, entre outros.

Com a recorrência dos problemas, algumas pessoas, freqüentadoras do balneário, sentiram a necessidade de criar um órgão que representasse o balneário, chamando a atenção da comunidade rio-grandina para o total abandono da praia. As

primeiras iniciativas redundaram na realização de algumas reuniões e, pouco a pouco, vai se delineando a proposta de criação de uma Sociedade de Amigos para a melhoria da estação balnear.

Esse movimento resultou na fundação da Sociedade Amigos do Cassino (SAC), o que ocorreu no dia 13 de fevereiro de 1950. A entidade nasceu, portanto, com o objetivo principal de promoção do Balneário Cassino, fazendo com que este viesse a ser conhecido a nível nacional, com capacidade de concorrer com outros balneários importantes.

A iniciativa de criação da entidade partiu de membros do Rotary Club de Rio Grande e de freqüentadores da praia, tanto de rio-grandinos como de veranistas oriundos de Bagé, Pelotas, Porto Alegre, entre outros lugares. A base social da SAC era composta por pessoas de grande ascensão social afinadas, conforme os registros jornalísticos da época, com o propósito de mudar a imagem do balneário, que já não mantinha todo aquele *glamour* dos tempos passados.

Apesar de ter surgido em 1950, notamos que as primeiras atividades da entidade como clube social só foram ocorrer no verão de 1952. Neste intervalo de tempo, a SAC buscou viabilizar uma sede, o que conseguiu, provisoriamente a partir de um acordo que estabeleceu com a Companhia Balnear Atlântica, proprietária do Hotel Atlântico. Por tal acordo, a SAC manteria a sua sede provisória no espaço da antiga *boite* do referido hotel e, em contrapartida, a entidade franquearia a sua praça de esportes aos hóspedes.

Mesmo que de forma um tanto quanto improvisada, a partir de 1952 a Sociedade Amigos do Cassino iria se constituir em vetor gerador de espaços de sociabilidade. A programação da entidade para o verão de 1952, divulgada nos jornais da época e através de folhetos, incluía atividades como a gincana de bicicletas na praia, onde o participante do sexo masculino deveria estar acompanhado de uma jovem; concurso de patinação para a “petizada” no Rinque; concurso de beleza intitulado *a mais bela Sereia do Cassino*; concurso de pesca entre pescadores amadores; corrida de bicicletas, com partida da Barra e chegada no posto de salvamento da praia; cabo de guerra para homens e para senhoras; gincana de automóveis, tipo europeu (pequenos) na praia; gincana de automóveis, tipo americano (grandes) na praia; baile infantil à fantasia; *Garden Party*, ou festa no jardim, no recinto da futura sede; grito de carnaval; baile à

fantasia; corridas de triciclos para crianças na avenida; partida de vôlei entre casadas e solteiras e torneio aberto de tênis.

Notamos, neste conjunto de atividades, que os espaços de sociabilidade estavam concentrados predominantemente no espaço público da praia, estimulando a atividade física em contato com o atrativo natural mais característico do lugar, o mar. A praia, portanto, era o espaço em torno do qual giravam as principais atividades, tanto aquelas organizadas e direcionadas pela única entidade social do balneário, a SAC, como apontamos acima, quanto aquelas geradas por um fluxo espontâneo. Neste espaço as pessoas se encontravam, entabulavam conversas, os casais faziam planos, o flerte rolava em todas as direções, os poetas se inspiravam, decisões a respeito do destino da cidade eram tomadas e onde, inevitavelmente, as diferenças sociais também se manifestavam, materializada nos usos, nos costumes, no comportamento e nas práticas.

A elite desfrutava do conforto de ter uma casa na estação balnear, onde permanecia por toda a temporada, sem o transtorno de se deslocar para a cidade, gozando dos melhores horários para a prática do banho e das atividades à beira-mar, repousando nos momentos de fadiga; os demais, durante o verão, para desfrutar de algum lazer e da praia, só poderiam fazê-lo da seguinte forma, conforme relata Floriano Beirão em sua coluna, denominada de *Pinceladas*, publicadas no Jornal Rio Grande:

Neste domingo mais que nunca a grande praia encheu-se de gente, despejados pelas extensas composições da Viação Férrea e pelos ônibus da Prefeitura e Empresa Karam que trabalharam ininterruptamente desde as primeiras horas da madrugada até depois da meia noite.

Com a permanência do ramal do Cassino a população pobre do Rio Grande continua desfrutando uma felicidade invejável, com três cruzeiros ida e volta tem a água límpida, de frescura maravilhosa. Banha-se todo o dia, come umas fatias de carne assada e bananas, dorme uma soneca numa boa sombra, e feliz, regressa cheia de pesar porque já é noite alta.

Nosso Cassino, sem rival no Estado, quiçá no Brasil, apesar de seu ar de distinção, é uma vasta praia eminentemente popular, esplêndida para os que dela necessitam.

O povo chegava em onda pelo trem aos milhares, coalhava a orla reluzente das águas e não deixava livre quadrado de areia por muitos quilômetros além.

É que aquela vida de um dia, a beira-mar, é realmente aconselhável para a saúde, é como quem diz que um cheque de saúde ao portador...

Por toda a parte autos e ônibus de Pelotas e de outras cidades do Estado. Num grupo de porto alegrensens ouvimos este comentário: “O Cassino é um paraíso que a natureza oferece ao povo riograndino. Depois da oficina sombria e quente, o operário tem a vastidão; depois da casinha apertada, mal arejada, tem o mar e as redondezas arborizadas de agradáveis sombras, com ótimos hotéis, casas comerciais tão sortidas e alinhadas como as melhores da cidade. (BEIRÃO, Janeiro/1951)

Até o final dos anos 50 as atividades promovidas pela Sociedade Amigos do Cassino repetiram, basicamente, o mesmo formato. Uma ou outra novidade era introduzida no rol de eventos programados, como a *Festa da Primavera* (1954) – evento realizado fora da temporada com o objetivo de movimentar o balneário -, a Semana de Pesca (1955) – que além de torneios de pesca, promoveu a realização de uma festa típica, onde o salão da Sociedade foi ornamentado com instrumentos de pesca e com exposição de painéis que reproduziam os ambientes de regiões de Portugal, com seus trajes típicos -, festas beneficentes – como uma realizada para arrecadar fundos para a reforma da capela¹.

Paralelamente a promoção de eventos, a Sociedade Amigos do Cassino dava andamento ao seu papel de entidade reivindicatória de melhorias para o balneário. Nesse sentido, a SAC empenhava-se em contestar melhorias para o lugar a fim de que ficasse *na altura das grandes praias, em matéria de acomodações, conforto e ponto de convergência turística*. (JORNAL DIÁRIO DO RIO GRANDE, fevereiro de 1952)

As reivindicações encaminhadas pela entidade referiam-se a necessidade de construção de uma farmácia, da disponibilidade de uma ambulância da Santa Casa de Misericórdia, com enfermeiro, do plantio de um bosque para aqueles banhistas que deslocavam-se da cidade e que não tinham onde descansar. Estes reclames, na verdade, objetivavam ampliar as vantagens ali desfrutadas pela elite, atendendo sua demanda.

Assim, a SAC combateu a instalação, por parte da Viação Férrea, de altofalantes que serviam como meio de publicidade aos comerciantes. A diretoria encaminhou os seus protestos a Prefeitura Municipal, alegando que aquele tipo de serviço perturbava os veranistas. Também queixou-se da construção de pequenas casas erguidas próximas a praia. Argumentava que este tipo de construção deveria ser retirada, pois se constituíam em motivo de vergonha, mesmo porque poderia passar a

¹ Elegemos a construção da capela na estação de banhos como o episódio mais longo para a arrecadação de “meios”, prolongando-se da estação de verão de 1897/1898 a 1905. O local foi doado pela “tradicional” família Osório, de Pelotas. A capela da Villa Sequeira ficou totalmente pronta apenas no ano de 1905. O jornal Diário do Rio Grande publicou uma matéria sobre a inauguração do templo, que possuía uma “arquitetura elegante, com um altar em estilo gótico, de madeira rendilhada, ofertado por uma senhora residente nesta cidade” de Rio Grande. Também se referia às imagens de Jesus, Maria e José trazidas do Rio de Janeiro, e do momento em que as bandas do clube Saca Rolhas e Duas Coroas tocaram o hino nacional. “A “festividade” atraiu cerca de 200 pessoas que para lá se dirigiram para receber a bênção divina” (Jornal Diário do Rio Grande, 07/02/1905).

ideia, para o visitante, de que o balneário começava a ser frequentado por pessoas de “baixa renda”, o que de fato passou a ocorrer a partir da década de 1940.

Além dos espaços fechados de lazer, observamos opções de lazer em locais considerados abertos ou públicos, e que estavam presentes no cotidiano dos frequentadores da estação de banhos na década de 1950 como a Avenida Rio Grande, o espaço a beira-mar e alguns estabelecimentos, notadamente a Padaria e Confeitaria *São Jorge* e a mercearia *Ao Ponto Chic*, de usos mais coletivos, mesmo que os diferentes usos fossem determinados por diferentes temporalidades.

A Avenida Rio Grande constituía-se na principal referência de encontro entre as pessoas. A própria estruturação do Balneário partiu do planejamento e da abertura desta avenida principal e o desenvolvimento urbano foi se dando paralelamente a ela. Foi inspirada nas características dos *boulevares* franceses, pois é larga, possui espaço para o passeio público e arborização ao longo de sua extensão. A paisagem da avenida passou a ser delineada com a construção do Hotel Atlântico, dos famosos *chalets*, de alguns estabelecimentos comerciais, com a presença da Igreja Nossa Senhora do Brasil, do *Quadro* residencial, dos condomínios e a extensão da própria estação férrea.

A avenida, portanto, consolidou-se como a referência principal do balneário e, por isso, ali se desenvolveram diferentes atividades de cunho comercial e social, local onde veranistas e moradores cruzavam-se, ou seja, a avenida tornou-se um espaço de sociabilidade, propiciando o “ver e ser visto”. As pessoas que se deslocavam da cidade para o balneário através do trem ou das empresas de ônibus, desembarcavam na avenida, alguns ficando por ali, descansando à sombra das árvores, em grande maioria eucaliptos, outros rumavam para o desfrute à beira-mar. Os quiosques existentes na avenida também promoviam a aglutinação das pessoas, que frequentavam igualmente o grupo de construções denominado pitorescamente de *Quadro*², a padaria e confeitaria *São Jorge* e o tradicional armazém *Ao Ponto Chic*, entre outros estabelecimentos.

² O *Quadro* foi construído no final da década de 1890 e correspondia a quarenta “casas mobiliadas” para as famílias numerosas que preferiam maior privacidade, mas não possuíam capital suficiente para construir um elegante chalé. “Os cômodos das casas mobiliadas constam de uma sala na frente à rua, por onde tem uma porta de vidraça e janela de duas folhas, à francesa, dando sobre um passeio ou varanda coberta, de dois metros de largura, três quartos espaçosos de 5x3m, dando para uma área ou pátio e uma cozinha de 4x3m com porta à área e janela ao fundo. A área tem portão de serventia, que dá para um corredor geral de serviço. Todas as peças têm, portanto, ar e luz, e são decentemente mobiliadas, tendo as camas os respectivos colchões e travesseiros. A cozinha tem fogão econômico e aperfeiçoado para queimar lenha ou carvão” (Jornal Diário do Rio Grande, 1898).

Durante o veraneio, a movimentação e a circulação de pessoas por ali era intensa, enchia-se de gente, e que segundo crônica do Jornal Rio Grande, eram *despejados pelas extensas composições da Viação Férrea e pelos ônibus da Prefeitura e Empresa Karam.*(JORNAL DIÁRIO DO RIO GRANDE, janeiro de 1952)

Os espaços da costa do mar são tratados, as estâncias balneárias concebem projetos urbanísticos e arquitetônicos, espaços arborizados, equipamentos comerciais e lugares de distração (RAUCH, 2001:97). Segundo Rauch, Deauville, situada na costa francesa, que no final do século XIX início do XX, encontramos os primeiros elementos de “estância integrada”, ou seja, possui terrenos de posse comunitária, sociedade imobiliária, obras prévias de saneamento, plano de desenvolvimento e de loteamento que associa os espaços de lazer no litoral e as construções mais afastadas. (RAUCH, 2001: 97)

Ao longo da Avenida Rio Grande algumas iniciativas por parte dos veranistas e moradores incentivavam as relações sociais. O Jornal Rio Grande publicou que no verão de 1957, os residentes do edifício Ibagé constituíam-se em divertida turma: *bailes frente ao edifício iluminado com os faróis dos automóveis, serenatas em quantidades, passeios na ximbica do Cotta de Mello* (JORNAL DIÁRIO DO RIO GRANDE, janeiro de 1955). Ainda temos notícia, dos passeios de bicicletas realizados predominantemente pelas mulheres, as audições noturnas promovidas na Vila Sequeira, retretas estas levadas a cabo, quase sempre pela Banda de Música da Brigada Militar, algumas vezes por outras, como do Colégio Estadual Lemos Júnior, além dos grupos de jovens que se formavam para o flerte e os namoricos.

A Padaria e Confeitaria São Jorge, estabelecimento comercial voltado aos negócios de panificação, de doces e com uma seção específica de secos e molhados, bem como de frutas, surgiu em janeiro de 1951. À época, o empreendimento era considerado como um negócio de alto e grande estilo,

construído em linhas sóbrias e elegantes, de belo aspecto, em ponto central da Vila, e do seu interior onde as cousas foram bem dispostas, de modo a dar ao freguês uma sensação de bem estar e conforto. (JORNAL DIÁRIO DO RIO GRANDE, janeiro de 1951)

O estabelecimento recebia público diverso e era freqüentado tanto por veranistas como por moradores de todas as camadas sociais. Em matéria publicada em 1951, o Jornal Rio Grande comentava:

E não se diga que o estabelecimento, já denominado de Padaria e Confeitaria “São Jorge” venha servir exclusivamente aos que possuem recursos pecuniários em boa dose, porque o público, o grande público, os que acodem ao Cassino, em massa aos domingos e dias festivos, também terão ali um lugar onde podem suprir-se de utilidades por preços acessíveis, já que com esse objetivo de igual modo, fora a iniciativa do Sr. Júlio Nóbrega. (JORNAL DIÁRIO DO RIO GRANDE, janeiro de 1951)

O armazém *Ao Ponto Chic* foi um dos estabelecimentos mais tradicionais do balneário. Os proprietários eram um casal de portugueses e lá se encontrava absolutamente de tudo. Em artigos sobre o veraneio no Cassino, o Jornal Rio Grande comenta o mal humor da dona do estabelecimento, que não media palavras com ninguém, usando palavrões no relacionamento com os fregueses, situação essa que acabou tornando o lugar mais pitoresco ainda. Constituíam-se numa das referências do Cassino, pois além de fornecer produtos da vária natureza aos veranistas, transformou-se num ponto de encontro, um lugar de fofocas, pois era freqüentado principalmente pelas mulheres, e na época elas eram consideradas as mais fofoqueiras.

O beira-mar era o motivo principal que gerava um grande espaço de sociabilidade. As pessoas deslocavam-se para lá com fins terapêuticos, de lazer e mesmo de ócio, medidas mesmo da própria interação social que lá se verificava.

Em nosso levantamento, observamos que durante o período do veraneio na década de 1950, ao longo da praia, os banhistas aglutinavam-se em barracas de lona de variadas cores que em grande número pontilhavam a *aprazível* praia. Segundo Beirão, todos ali estavam convidados a desfrutar *a necessidade absoluta de repouso, de revigoramento, distraindo-nos, com deleite na doce contemplação das ondas do mar a se estenderem nas areias douradas molhando meigamente os nossos pés.* (JORNAL DIÁRIO DO RIO GRANDE, janeiro de 1954)

Mas a praia era também locus de outras atividades, para aqueles que, conforme havia dito Beirão, *não queriam passar o dia fitando a orla marítima*, podendo então envolver-se em jogos, gincanas, corridas de cavalo e de automóveis (apesar da contrariedade de alguns veranistas), campeonatos de pesca, cabo de guerra, ou

apreciarem exposições. Frequentemente as pessoas se reuniam à beira-mar para a realização de bailes carnavalescos.

Assim, a praia era o programa de todos os dias. Os veranistas se concentravam, basicamente, na área onde desemboca a Avenida Rio Grande. Cabe salientar que, mesmo sendo um espaço aberto, aparentemente coletivo, o uso do lugar pelas distintas classes sociais se dava em tempos diferentes. Em outras palavras, isto significava que a elite local procurava usufruir da praia pelo período da manhã, pois a tarde, conforme discurso corrente a época, o lugar era ocupado pelas *empregadinhas*, pois quem era fino deveria evitar frequentar a praia a tarde. Aproveitavam para tirar uma *cestia*, ou dar uma volta a cavalo na avenida ou pela estação. Outra opção era passear de charrete, muito utilizada neste período.

Com todas estas atividades realizadas ao longo da década de 1950 no balneário Cassino, diferentes lugares constituíram-se em espaços de sociabilidade, tanto aqueles fechados quanto os abertos, reforçando espaços já tradicionalmente consolidados ou gerando novos. Neste interstício a circulação de pessoas, a profusão de acontecimentos foi mais intensa e, mesmo que efêmera, reuniu as pessoas e promoveu a interação social.

Referências Bibliográficas

- ❖ ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. As praias e os dias – História social das praias do Recife e de Olinda. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2007.
- ❖ ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- ❖ ÁRIES, Philippe & DUBY, Georges (organizadores). História da Vida Privada (vol.4). Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Companhia das letras, 2003.
- ❖ -ÁRIES, Philippe & DUBY, Georges (organizadores). História da Vida Privada (vol.5). Da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- ❖ BEIRÃO, Floriano. Pinceladas. In: Jornal Rio Grande, Janeiro/1951.

- ❖ BITTENCOURT, Ézio. Da rua ao teatro, os prazeres de uma cidade: sociabilidades e cultura no Brasil Meridional – Panorama da história de Rio Grande. Porto Alegre: UFRGS, 1999. (Tese de Doutorado)
- ❖ BLAY, Jean-Pierre. O espaço urbano e a identidade cultural: o exemplo do Clube de Regatas do Flamengo. In: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH): Anais da XX reunião anual, p. 107-112: Curitiba SBPH, 2001.
- ❖ BORGES, Valdeci Rezende. Em busca do mundo exterior: sociabilidade no Rio de Machado de Assis. In: Revista Estudos Históricos. n° 28. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001. p. 49-69.
- ❖ BROCA, Brito. A vida literária no Brasil – 1900. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.
- ❖ BURKE, Peter. Variedades de história cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- ❖ CARDOSO, Ciro F. & VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Domínios da história. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- ❖ CASTRO, Ana Claudia V. de. A São Paulo de Menotti Del Picchia – Arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista. SP: Alameda, 2008.
- ❖ CORBIN, Alain. O território do vazio – A praia e o imaginário ocidental. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- ❖ _____ . Saberes e odores: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- ❖ _____ . História dos Tempos Livres – O advento do Lazer. Portugal: Editora Teorema, 2001.
- ❖ _____ . Bastidores. In: PERROT, Michele (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à 1ª Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991.
- ❖ ENKE, Rebecca Guimarães. Balneário Villa Sequeira – A invenção de um novo lazer (1890-1905). São Leopoldo: UNISINOS, 2005. (Dissertação de Mestrado).
- ❖ FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: Edusp, 1998.
- ❖ FUGIER, Anne Martin. O ritos da vida privada burguesa. In: PERROT, Michele (org.). História da vida privada. Da Revolução Francesa à 1ª Guerra. Vol. 4. São Paulo: Cia. Das Letras, 1991. (p. 228-240).
- ❖ GRIECO, Sara F. Mattews. O corpo, aparência e sexualidade. In: PERROT, Michelle et al. História das mulheres no Ocidente. Do Renascimento à Idade Moderna. Vol. 3. (Sob a direção de Natalie Zemon Davis e Arlette Farge). São Paulo: EBRADIL, 1991.

- ❖ HASSE, Manuela. Oeiras e o desenvolvimento de novos comportamentos de lazer. A valorização de um novo mundo: o mar, a praia e as férias. In: Lecturas: Educación Física y Deportes – Revista Digital. Año 4. Nº 14. Buenos Aires, Junio 1999.
- ❖ HOBBSAWN, Eric J.. A era das revoluções (1789-1848). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- ❖ LEME, Eunice. “Cassino: Momentos Históricos”. Rio Grande: Fatos em Revista. Fevereiro, 1993. Pag.: 32-36.
- ❖ MARRAS, Stélio. A propósito de águas virtuosas. Formação e ocorrências de uma estação balneária no Brasil. BH: UFMG, 1994.
- ❖ MARTINS, Luís Paula Saldanha. Banhistas de mar no século XIX – Um olhar sobre uma época. In: Revista da Faculdade de Letras-Geografia. 1 Série, Vol. V, Porto, 1989, p. 45 a 49.
- ❖ MELO, Victor Andrade de. Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001.
- ❖ MORAES FILHO, Evaristo de (org.) Georg Simmel. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.
- ❖ NASCIMENTO, Mara R. No andar do bonde, a vivência da cidade. In: Revista Biblos nº 10. Rio Grande: Editora da FURG, 1998.
- ❖ NEEDELL, Jeffrey D.. Béle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993.
- ❖ ORTIGÃO, Ramalho. Banhos de caldas e águas minerais. Livraria Universal, 1875.
- ❖ _____ . As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante. Lisboa/Portugal: editora livraria clássica, 1886. In: Guia dos banhistas. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890.
- ❖ _____ . As praias de Portugal: guia do banhista e do viajante. Lisboa/Portugal: Livraria Clássica, 1943.
- ❖ PAIXÃO, Dario Luiz Dias. 1930-1945. A verdadeira Belle Époque do turismo brasileiro luxo e os espetáculos dos hotéis-cassinos imperam na era getulista. In: www.obstupr.ufpr.br/artigos/hotelaria11.pdf. (acessado em 02/12/2010)
- ❖ PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary (org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010.

- ❖ PESAVENTO, Sandra J.. História da indústria sul-rio-grandense. Guaíba: RIOCELL, 1985.
- ❖ _____ . O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. POA: Editora UFRGS, 2002.
- ❖ _____ (coord.). O espetáculo da rua. POA: EdUFRGS, 1996.
- ❖ PIMENTEL, Fortunato. Aspectos Gerais do Município de Rio Grande. Porto Alegre: Of. Graf. Oficiais, 1944.
- ❖ PINTO, Luciana G.. O processo de formação do espaço no Balneário da Barra do Chuí. Rio Grande: FURG, 2000. (monografia de conclusão de curso).
- ❖ PORTO, Lúcia. Estrada de ferro, carvão e futebol. In: URBIM, Carlos (coord.). Rio Grande do Sul: Um Século de História. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- ❖ RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. O Teatro da Sociabilidade: Um Estudo dos Clubes Sociais como Espaços de Representação das Elites Urbanas Alemãs e teuto-Brasileiras. São Leopoldo, 1850/1930. (Tese de Doutorado)
- ❖ RAUCH, André. As férias e a natureza revisitada (1830-1939). IN: CORBIN, Alain (org.). História dos Tempos Livres – O advento do Lazer. Portugal: Editora Teorema, 2001.
- ❖ REICHEL, Heloísa J. A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha. In: DACANAL, José H. & GONZAGA, Sérgio (orgs.) RS: economia e política. POA: Mercado Aberto, 1979.
- ❖ ROCHE, Daniel. O povo de Paris – Ensaio sobre a cultura popular no século XVIII. SP: Edusp, 2004.
- ❖ SALVATORI, Elena; HABIAGA, Lydia A. G. de Perez & THORMANN, Maria do C.. “Crescimento Horizontal da Cidade do Rio Grande”. In Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro: Fundação IBGE, janeiro/março de 1989.
- ❖ SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: História da vida privada no Brasil República: da Belle époque à era do rádio. São Paulo: Cia. Das Letras, 1998.
- ❖ URBIM, Carlos. As charqueadas de Pelotas. In: URBIM, Carlos (coord.). Rio Grande do Sul: Um Século de História. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1999.
- ❖ VILLWOCK, Glaucia Ennes. Por que Amo o Rio Grande. Rio Grande: Ed. da FURG, 1997.

Fontes Documentais

- ❖ ATA nº 1 da Reunião de Fundação da Sociedade Amigos do Cassino. Rio Grande: 13 de Fevereiro de 1950.
- ❖ Correspondência enviada ao Coronel Augusto Cezar Leivas pelo Gerente da estação balnear da Mangueira, Laurence Hislop. Data: 04/11/1898. Extraída do jornal Cassino.
- ❖ Escritura de venda do Casino, de 24/08/1909.
- ❖ Estatutos da Companhia Estrada de Ferro Rio Grande-Costa do Mar aprovados em assembléia geral de acionistas de 28 de julho de 1890. Rio Grande: Tipografia Do Artista, 1890.
- ❖ *Guia dos banhistas. Informações sobre a praia de banhos na Villa Sequeira, fundada em 1888. Propriedade da Companhia Estrada Ferro Rio Grande-Costa do Mar. Rio Grande, Tipografia da Livraria Rio-Grandense, 1890.*

Jornais

- ❖ Jornal Diário do Rio Grande. Anos de 1890, 1891, 1892, 1893, 1896, 1898, 1899, 1900, 1901, 1902, 1903, 1904, 1905, 1906, 1908.
- ❖ Jornal Echo do Sul. 2º semestre de 1885 e 1º semestre de 1888.
- ❖ Jornal Echo do Sul. Anos de 1940, 1941, 1942, 1943, 1944, 1945.
- ❖ Jornal Rio Grande. Anos de 1950, 1951, 1952, 1953, 1954, 1955, 1956, 1957, 1958.
- ❖ Informativo Rio Grande. 18 e 26 de Janeiro de 1990.
- ❖ Soamar, Rio Grande, 1995.
- ❖ Jornal Cassino. 7, 14, 21 e 28 de Janeiro de 2000.
- ❖ Jornal Cassino. 11 de Fevereiro de 2000.